

ARGENTARIUM

COLLEGAMENTO I.M.S.P.

Edição Brasileira



INSTITUTO DAS MISSIONARIAS SECULARES DA PAIXÃO

ANO XXVIII N.2
ABRIL - JUNHO 2021

INSTITUTO DAS MISSIONÁRIAS SECULARES DA PAIXÃO

ARGENTARIUM

COLLEGAMENTO M. S. P.

ANO XXVIII N. 2 ABRIL - JUNHO 2021



SUMÁRIO

Falando sobre ...	V. Caruso	Pag.	3
Neste número	Editorial	“	6
Aos membros do Instituto	P. Generoso c.p.	“	8
Pelo Assistente Espiritual Geral	P. Valter c.p.	“	11
O Pensamento da Presidente	P. D'Urso	“	14
Da Responsável Geral da Formação	M. E. Zappalà	“	17
Comunicando esperança e confiança em nossr tempo	Papa Francesco	“	22
Menos palavras...	S. Indelicato	“	27
Um olhar nas redes sociais:			
Amigos como antes	Angelo Onger	“	31
Social hoje	F. Zingale	“	38
Pandemia está acabando?	C. Jaillier	“	42
Coluna dos Colaboradores:			
<i>Maria o caminho de santificação das famílias</i>	C. e C. Grasso	“	45
<i>O matrimônio como símbolo de união</i>			
<i>entre Cristo e a Igreja</i>	Marina N. R. Carvalho	“	47
Crônica Flash		“	49
O canto dos livros		“	51

Periódico trimestral de cultura religiosa para distribuição gratuita

Editado por: Istituto delle Missionarie Secolari della Passione

Via del Bosco 11 - 95030 Mascalucia CT

Direção, Administração, Redação e impressão: Via del Bosco 11 95030 Mascalucia CT

Tel.: **095 6768749** E:mail segreteria@secolari.it

Site internet: <http://www.secolari.it>

Diretora: Melina Ciccía

Registro Tribunal de Catania n.13/94 del 18/5/1994

Diretor Responsável: Vincenzo Caruso

FALANDO SOBRE ...

Para espalhar as boas novas, se outros não fazem, façamos nós!

Colocamos no delicioso prato das nossas redes sociais a bela e positiva notícia, que deposita confiança neste tempo de confusão, perplexidade e desespero, também, em tantas pessoas frágeis (e não frágeis!), ainda que apenas emocionalmente ou por objetivo dificuldades de manutenção. econômicas para si e a sua própria família.

O Papa Francisco, dirigindo-se aos jornalistas, disse claramente e em torno disso na "hierarquia das notícias" é preciso inverter a ordem, colocando os bons em primeiro plano, para dar voz aos que não têm. Queremos aceitar este convite, que na verdade envolve a todos, porque cada um de nós é propriamente comunicador, difusor / portador de notícias e, como cristãos, porta-voz da "Boa Nova" do amor do Pai comum, em Jesus crucificado, morto e ressuscitado, por todos os homens.

Agora, mesmo que não sejamos jornalistas profissionais ou publicitários a quem as palavras do Papa Francisco são especificamente dirigidas na mensagem de 24.1.2021 para o 55º Dia Mundial das Comunicações, ainda podemos obter alguns indícios que nos ajudam em nossa vida diária como cristãos. e, conscientes ou não, comunicadores responsáveis quando nos colocamos nas redes sociais.

Três são os convites mais importantes do apelo do Papa.

Primeiro: "mexa-se para ir ver", que podemos traduzir na verificação, dentro dos limites das nossas possibilidades, da fiabilidade da notícia, da fonte de onde provém, antes de a divulgar ou partilhar nos nossos perfis pessoais ou de grupo, verificar se a fonte é oficial, institucional e não do "vizinho" ou,

pior ainda, uma notícia falsa. Claro que seria desejável que, pessoalmente, pudéssemos saber morar lá notícias, conhecer as pessoas envolvidas.... Mas isso é muito difícil e muitas vezes praticamente impossível, especialmente em tempos de pandemias (com limitações de movimentos) e que, em qualquer caso, não é uma tarefa para todos.

Segundo: “comunicar a notícia de forma transparente, honesta”, sem segundas intenções, sem tentar manipular o leitor, e colocar a cara nele. Em suma, ser credíveis quando nos comunicamos nas redes sociais e na vida, portadores da verdade e não da mentira - ai de nos tornarmos cúmplices do príncipe das mentiras! Não podemos negociar a Verdade com V maiúsculo, os pequenos e humanos estarão sempre misturados com sombras, e não podemos esquecer isso e devemos estar cientes disso. “Vizi e virtú”, nos dizem Papa Francisco e padre Marco Pozza na recente entrevista-livro com o mesmo título, estão juntos na vida, como as luzes da verdade e as sombras da mentira! Devemos, portanto, fazer um discernimento sábio entre as notícias que queremos compartilhar e tornar nossas.

Terceiro: convite a “gastar as solas dos sapatos”, que para os jornalistas significa não se contentar com as notícias dos prédios ou autorreferenciais, mas sim dar as notícias que o fizeram trabalhar, comprometer todo o seu tempo e esforço. para trazê-los à luz na verdade das coisas. Para todos nós envolvidos no sector social, na comunidade eclesial e na pequena família ou comunidade de trabalho, pode significar que comunicamos e difundimos uma notícia, uma notícia, um post no canal que preferimos (em geral, até onde como eu sei, e na faixa etária de trinta a quarenta anos para cima, o Facebook, amplamente difundido), deve constituir um compromisso responsável, consciente e profundamente pessoal, que represente e diga sobre mim, o que penso e confio (e não desespero e pessimismo!) amanhã.

No volume "*Dei vzi e delle virtú*" já citado, o Papa Francisco nos lembra que "*Deus nos criou para a alegria e a*

*felicidade e não para chafurdar em pensamentos melancólicos ...
Numa história como a que vivemos, caracterizada pela violência
e adversidade, a atitude do cristão deve ser a de esperança em
Deus, que nos permite não nos deixar abater por acontecimentos
trágicos. Na verdade, são ocasiões para dar testemunho (Lc
21,13) ... Não estamos sozinhos na luta contra o desespero. Se
Jesus conquistou o mundo, é capaz de vencer em nós tudo o que
se opõe ao bem ... Ninguém nos roubará a esperança. Continue".*

V.C.

NESTE NÚMERO

O segundo número do “Collegamento” 2021 ainda vê a presença da pandemia, mas em fase de declínio, especialmente na Europa, graças ao esforço de vacinação em curso. Na Itália, muitas atividades estão sendo retomadas timidamente e todos esperam que o outono não seja o prenúncio de uma retomada dos fechamentos. A palavra fechamento e o contrário reabertura, no sentido de recomeçar, são as palavras-chave de muitas contribuições neste novo número do Collegamento. Juntamente com as reflexões sobre as redes sociais e as comunicações, que estão intimamente ligadas ao sentido de fechamento e abertura (ou reabertura), a partir do artigo do nosso Diretor Responsável, que nos faz refletir de maneira pertinente sobre o pensamento do Papa este ano no 55º Dia Mundial das Comunicações.

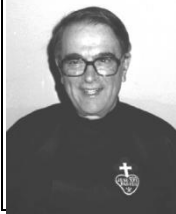
Além dos artigos fixos das assinaturas fundamentais para nosso periódico, há algumas contribuições muito interessantes extraídas dos órgãos fundamentais de comunicação para leigos consagrados, como "ENCONTRO" ou, ainda, a mensagem do Santo Padre para o 51º Dia Mundial das Comunicações. , que destaca um tema substancial como: “Comunicar esperança e confiança no nosso tempo”.

A experiência muito positiva dos artigos que vêm das assinaturas das várias Comunidades do Instituto continua. Nesta edição há duas contribuições da Itália, uma da Colômbia e uma, na coluna Colaboradores, do Brasil. Consulte esta seção para obter uma introdução aos artigos relacionados.

Como sempre, encontramos a seguir a Crônica dos principais acontecimentos que ligam os tempos de imprensa de nosso periódico trimestral. Na Crônica registramos também a memória dos entes queridos do Instituto que nos deixaram, tanto os pertencentes a ele como a amigos particulares como o amado

Arcebispo Pio Vittorio Vigo, unidos pela profunda amizade com o Padre Generoso e, conseqüentemente, com o nosso Instituto. Finalizamos com o canto dos livros onde, neste início de verão, podemos encontrar conselhos de leitura que nos ajudarão em nossa caminhada nesta época do ano.
Boa leitura a todos!

Os Editores



AOS MEMBROS DO INSTITUTO “SEMPRE CONVOSCO ...”

Momentos fortes do Espírito

AOS MEMBROS DO INSTITUTO M.S.P.

OS CRUCIFIXOS DO MUNDO

Queridos,

“Parece-nos que nas dificuldades de hoje, Deus quer nos ensinar mais profundamente o valor, a importância e a centralidade da Cruz de Jesus Cristo ...”, assim se expressam os bispos do Sínodo Extraordinário de 1985 (II p. .2-3).

A centralidade da "memória da Paixão" foi a intuição fundamental e fundadora de São Paulo da Cruz.

Nosso Instituto Secular acolheu em seu seio esta grande realidade e é constantemente chamado a discernir quais são os modos, hoje, de recordar a Paixão no mundo.

Certamente não podemos perder de vista o que as nossas Constituições nos propõem: "contemplar", "viver" e "anunciar" o mistério do amor da Paixão de Jesus (cf. art. 8).

Mas que discernimento fizemos quanto ao anúncio da Memória da Paixão? Nem quero parar e refletir sobre como vivo este mistério, na minha carne e no meu espírito; antes, em como eu o expresso com minhas obras fora de mim.

As Constituições dão-nos indicações claras a este respeito e fazem-nos compreender como a contemplação de Jesus

Crucificado deve conduzir-nos à contemplação dos homens "crucificados" hoje, da injustiça, do vazio do verdadeiro e profundo sentido da vida, da fome. pela paz, da verdade, da vida

....

Mas aceitamos seriamente o compromisso de «participar nos sofrimentos dos nossos irmãos, especialmente dos marginalizados e dos pobres de espírito e de carne, nos quais a Paixão de Cristo continua hoje? (ver art.31).

Vamos dar uma boa olhada em nossas mãos, nossos bolsos, nosso tempo, nossa cultura ...

Que cuidado temos nós com os "enfermos" de nossa casa? Qual é o compromisso de promover outros "sofrimentos" dispostos a doar-se ao Pai em união com Cristo Crucificado para a salvação do mundo? Que preocupação concreta dirigimos aos nossos "irmãos" do terceiro mundo e às nossas missões? Que contribuição temos dado aos pobres, aos marginalizados ... que encontramos em nosso caminho?

É certamente agradável ler que «fazemos nossa a ansiedade evangelizadora da nossa Igreja, comprometendo-nos com um apostolado catequético orientado de preferência para a assistência aos jovens e às famílias, a inserção na pastoral diocesana, a colaboração com os Passionistas» (cf. art. 32). Mas sou realmente capaz de escrever uma página que atesta esse "meu" compromisso?

Graças a Deus, não são poucos os casos exemplares que nem todos têm oportunidade de conhecer, mas cada um de nós pode dizer em consciência que esteve "concretamente" disponível para toda a ajuda permitida pelas nossas capacidades "pessoais"? (ver art.31).

A pobreza, da qual juramos, deve direcionar nossa atenção para os mais necessitados. Libertando progressivamente das múltiplas formas do egoísmo humano, disporá a alma para aliviar com alegria, em todas as circunstâncias e por todos os meios, os sofrimentos morais e materiais do corpo de Cristo (cf. art. 1-9).

Os colaboradores se comprometem a um uso sóbrio dos bens segundo seu estado ... e educarão seus filhos à autolimitação ... para que vivam solidários e compartilhando com os pobres (ver art. 64).

A todos os membros se aplica esta magnífica exortação: *«no uso dos bens temporais, culturais e espirituais, como administradores, empenhem-se num verdadeiro sentido de responsabilidade e distanciamento interior, para serem sinal de caridade e justiça entre os irmãos.»*(ver art.18).

A força para levar a cabo estes compromissos que o nosso ascetismo espiritual e sentido de justiça nos oferece, só nos pode ser dada pela contemplação de Cristo Crucificado nos homens de hoje.

É um grande exame de consciência que vem a nós de Jesus Cristo, nosso Salvador.

Não desapontemos as expectativas da Igreja e dos irmãos. Promovemos iniciativas válidas que nos podem ajudar a cumprir esta profunda necessidade do espírito da vocação cristã e passionista.

P. Generoso c.p.

O TEMPO DE RENASCIMENTO

pe. Valter Lucco Borlera cp

Cada pessoa, neste momento particular, a nível social e espiritual, viveu situações impensáveis. Acontecimentos inesquecíveis nos marcaram a todos, alguns de forma evidente e outros de forma menos visível, e estamos tentando sarar nossas feridas. Podemos dizer tudo e qualquer coisa, mas esquecemos que temos um coração, uma espiritualidade forte e um caminho de fé que nos questiona continuamente para nos tornar cada vez mais fortes.

Pensei no profeta Jeremias e na Aliança com o Senhor do capítulo 31. Vamos tentar ler este texto com calma (vv. 31-34):

³¹Eis que dias virão - oráculo do Senhor - em que concluirei uma nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. ³²Não será como o pacto que fiz com seus pais, quando os tomei pela mão para os tirar da terra do Egito, pacto que eles quebraram, embora eu fosse seu Senhor. Oráculo do Senhor. ³³Esta será a aliança que farei com a casa de Israel depois daqueles dias - oráculo do Senhor -: colocarei minha lei neles, escreverei em seus corações. Então eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. ³⁴Eles não terão mais que instruir uns aos outros, dizendo: "Conheça o Senhor", porque todos me conhecerão, do menor ao maior - oráculo do Senhor -, pois eu perdorei suas iniquidades e não me lembrarei mais de seus pecados. "

O que Jeremias sente conta uma verdade profunda sobre nossa vida e sobre nossa pertença a um Instituto Secular. A aliança que carregamos conosco, em virtude dos Conselhos Evangélicos, está se tornando um ponto de referência e, ao mesmo tempo, um remédio de cura hoje. É claro que nosso foco está na cura de

Covid, mas ao mesmo tempo é necessário curar as feridas espirituais. O distanciamento nos ligou a uma formação sem suportes humanos e espirituais a que sempre nos referimos. Em muitos aspectos, vivemos um tempo de exílio de nossas escolhas e oportunidades habituais, como um povo sem sua terra de referência. Mas agora há algo novo que está amadurecendo: perseveramos na oração, participamos da liturgia com as ferramentas disponíveis e também procuramos nos auto-formar com os vários encontros propostos. Como aliança que estabelece a vontade, as regras e os propósitos pelos quais as pessoas se unem, temos a oportunidade de redescobrir a Nova Aliança com o Senhor, de voltar à nossa terra como referência de espiritualidade, um Calvário renovado para estar com Jesus. .Crucifixo e Maria das Dores, e conhecer um tempo único para o caminho de santidade.

O tempo do distanciamento educou-nos a tornar o nosso coração capaz de acolher, um coração novo renovado pela meditação da Palavra, não tendo mais a desculpa de não ter tempo para meditar, e a predisposição para acolher, segundo as Constituições, um renovado. Pentecostes do nosso Instituto. As Constituições não mudaram, mas certamente a lei mudou em nossos corações, onde a essencialidade e a sobriedade têm sido o ponto de referência. Jesus escreveu novas palavras de esperança em nossos corações para nos tornar mais unidos. Não correremos mais no escuro, como pecadores, esperando não tropeçar. Precisamente porque Jesus se tornou familiar para nós, teremos sempre luz no nosso caminho, luz dada pelo perdão e pela misericórdia. Não choraremos mais a solidão, porque no Calvário tivemos a confirmação de Maria como mãe em nosso caminho e em nossa vocação.

O termo “conhecer” tem em sua origem o conteúdo “gerar vida”. É por isso que nosso conhecimento do Pai também gera vida, gera novidades, gera vocações. Em particular, conhecer o Pai não nos

dará tempo para perseguir situações, discussões e conversas humanas, mas nos oferecerá a oportunidade de renascer de dentro, do Espírito, e gerar santidade. Hoje, como depois de todos os acontecimentos traumáticos da história, como crentes em Cristo e consagrados, temos o dever de resgatar os nossos valores e trabalhar por um novo renascer do alto e chamados, como Nicodemos, a olhar com maior afecto para o Uno. eles têm. perfurado. O compromisso de difundir o carisma da Paixão com nossas vidas, como aprendemos de São Paulo da Cruz e de Padre Generoso, não pode permanecer uma das muitas opções em nossa vida, mas deve tornar-se nossa vida em novidade. Não somos chamados a difundir algo que já é antigo, mas, em virtude do nosso percurso pessoal, algo novo e fascinante. O renascimento é fruto do amor: não deixemos que as dificuldades, a morte ou a pandemia tirem este dom, para ser enxertado na árvore da Paixão de Jesus, este ramo dará os seus frutos: só o Senhor os verá e quantos nos seguirão no IS. Agora leva um pouco de tempo para entender, mas então logo haverá um tempo para caminhar, um tempo de renascimento e consolação.

O PENSAMENTO DA PRESIDENTE

NOSSA COMUNHÃO

Em nossas Constituições há um capítulo, o VI do Capítulo I, intitulado: "NOSSA COMUNHÃO" (ver Const. Arts 38-42), alguns artigos dedicados ao conceito de comunhão que convido a rever e meditar porque dos pilares que servem para manter o Instituto em pé.

A escolha da consagração pela sua natureza não é egoísta nem calcada em normas e obrigações, assim como a Igreja não é constituída por paredes rígidas, mas pela comunhão dos fiéis e o Instituto que é Igreja não pode ignorar a experiência de comunhão! O conceito de comunhão, portanto, não é um conceito abstrato e, no nosso caso, nem mesmo é um conceito sociológico, mas sua natureza é teológica. Pensamos na família trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo, são um, embora sejam três, como se explica tudo isso? Quando amamos de verdade compartilhamos as mesmas preocupações, as mesmas alegrias, os mesmos sentimentos de uma forma tão radical a ponto de nos tornarmos um com o ente querido, de sentir as mesmas emoções e ao mesmo tempo pensar e agir de forma diferente de acordo com sua natureza e habilidades, mantendo o mesmo objetivo; de uma forma muito simplista esta é a natureza da Santíssima Trindade que, encarnada na condição humana, se traduz em escolhas "fortes" como a vida consagrada, o sacramento do matrimônio e o sacerdócio, não há outras opções de amor além destas e nosso Instituto incorpora todos os três!

O instituto não tem vida comum e o fato de ser uma comunidade depende da concepção que cada um de nós tem disso.

Comunhão e comunidade, qual é a diferença? Na realidade, não se trata de diferença, mas de complementaridade; se não há

comunhão, não pode haver comunidade e vice-versa, e a comunhão exige, antes de tudo, a caridade, por isso repudia qualquer forma de divisão!

Todos sabemos que em cada comunidade pode haver desacordos, diferenças de opinião, aversões que às vezes, se não administradas com espírito cristão, levam a divisões; a verdadeira comunidade se distingue pela superação dessas dificuldades e o Evangelho também sugere o caminho, lemos no Evangelho de João no capítulo 13, 34-35: ***“Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu te amei, vocês também se amam. Assim saberão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros ”***.

A nossa credibilidade como cristãos está em jogo na nossa consagração, no dia em que pronunciamos o nosso "sim" ao Senhor também o pronunciamos aos nossos irmãos, nos comprometemos a seguir, com o coração e a razão este mandamento de Deus: ***"como eu amei vocês também, amem uns aos outros ... "*** Esta é a nossa principal “missão”.

O art. 39 de nossa Constituição afirma: ***“Ao constituir uma única família, compartilhamos plenamente a finalidade do Instituto, cumprindo os deveres e gozando dos direitos previstos nesta Constituição”***. A finalidade do Instituto é evangelizar, para evangelizar é necessária uma boa formação (Const. Art. 39), portanto, é dever de cada membro do Instituto formar-se com os meios espirituais e culturais que o Instituto oferece e através da autoformação, é então direito de cada membro aceder a esta formação, ser seguido, ser ouvido e não só durante o período probatório, mas também depois quando, além do direito, se adquire o mútuo dever de apoiem-se mutuamente no caminho da fé.

Atrevo-me a ir mais longe, o nosso Instituto se define como "missionário" e costumamos dizer que a nossa missão é ser sal e fermento no mundo, mas se as realidades que nos rodeiam não ganham sabor e não crescem, talvez devamos pensar seriamente que o nosso conceito de comunhão e comunidade tem muita

intimidade! Assim, delinea-se um aspecto mais universal da comunidade e da comunhão, o que não significa olhar para horizontes muito distantes de nós, mas ver os muitos horizontes que estão próximos de nós.

O desejo que faço a mim mesmo e a todos é que, com a ajuda de Deus e com a ajuda de nossas comunidades, possamos crescer cada vez mais nesta consciência: **"amem-se ... com isso todos saberão que você são meus discípulos ... "**

Patrizia

PELA RESPONSÁVEL GERAL DA FORMAÇÃO

IDENTIDADE DO SECULAR CONSAGRADO (primeira parte)

Depois de ter levado adiante nos artigos anteriores o discurso sobre o discernimento em nossa vida como pessoas consagradas seculares, continuarei o discurso sobre a **IDENTIDADE** das pessoas consagradas seculares.

O tema da identidade entrou na linguagem eclesial em 1976 Paulo VI e precisamente no último período do pontificado de G.B. Montini em que o termo começa a aparecer esporadicamente em discursos, mais do que em escritos papais. Em seguida, adquirirá rapidamente um papel decisivo no magistério de João Paulo II, em estreita ligação com o tema da fé e em relação ao tema mais amplo da nova evangelização. O Papa polonês convida os católicos a redescobrir a fé e, assim, promover, orgulhar-se de sua identidade cristã. João Paulo II espera dos católicos uma proclamação mais explícita da verdade cristã e um papel ativo e específico na vida social. São vários os documentos nos quais o Papa polonês faz esta afirmação na audiência geral de 10 de outubro de 1979, nos quais afirma que: «o homem criado se encontra, desde o primeiro momento de sua existência, diante de Deus quase em busca de sua própria entidade; dir-se-ia: em busca da definição de si mesmo. Um contemporâneo diria: em busca de sua própria "identidade". Por meio da análise de textos e documentos pastorais produzidos pelo CEI desde meados da década de 1980, o tema da identidade

cristã acaba perdendo o dinamismo que lhe era garantido pela retórica da nova evangelização.

«Para anunciar o Evangelho, assim como para dialogar, é necessária uma consciência forte e clara da própria identidade cristã» (expressão extraída do *Enchiridium CEI* 4, § 2753).

Da mesma forma, João Paulo II argumenta que “se não há verdade transcendente, obedecendo a qual o homem adquire sua identidade plena, então não há princípio seguro que garanta relações justas entre os homens”.

Os membros dos Institutos seculares não têm sinal exterior porque, fortalecidos pela **consciência do Batismo e do testemunho de vida**, sinal principal e incisivo do tecido sócio-cultural, elevam as realidades humanas da presença salvífica de Jesus.

Como afirma a *Lumen Gentium* no nº 31. O membro de um instituto secular goza de uma dupla cidadania: é um cidadão inteiro da Igreja e, igualmente, um cidadão inteiro do mundo. Ele é tal na medida em que é batizado e na medida em que está investido de uma consagração especial. Ele não só não se afasta do mundo, mas nele e por ele realiza sua vocação de buscar o reino de Deus, tratando as coisas temporais para ordená-las segundo Deus. *Lumen Gentium* 31.

Nesse ponto, você vai me dizer “mas sabemos essas coisas” Sim, é verdade?

No entanto, as pessoas consagradas seculares devem ter a coragem de se interrogar sobre a sua identidade, a razão da sua existência, o seu lugar na Igreja e no mundo e, por isso, não devem ter medo de realçar a sua escolha. Eles são chamados a ler a complexidade do mundo em que vivem à luz do Evangelho. O questionamento sobre a identidade é importante para apreender aqueles aspectos que devem ser salvaguardados **para a fidelidade à própria vocação** e, a partir daí, iniciar uma nova pesquisa para se perguntar como essa identidade se relaciona com o presente da história. Eles sentem, vivem e experimentam o mundo, com todas as suas realidades e com todas as suas ambigüidades e

complexidades, como o ambiente e o espaço no qual viver. Sem o mundo, os membros dos Institutos Seculares leigos não teriam razão de existir. **É por esta razão fundamental que se diz que estão no mundo, para o mundo mas não do mundo**, vivem no mundo, para **ser sal e fermento** e transformá-lo desde dentro em profundo respeito pelo parcial mas Autêntica autonomia que o rege e regula Cada realidade terrestre segundo o plano e a economia da criação e da redenção é, portanto, tarefa, missão, ministério de evangelização e promoção humana dos leigos e, portanto, dos institutos laicos seculares.

João Paulo II argumenta que a identidade cristã é mais o objeto de uma ação, de preocupação, do que um fato estável. Numa homilia de 1990, o Papa recordou a necessidade de buscar e encontrar constantemente "na identidade de Cristo que não morre, a fonte da nossa identidade cristã". **A identidade cristã tem uma ancoragem forte e precisa em Cristo e na sua identidade**, mas também é algo que deve ser buscado, algo que se constrói e, portanto, pelo menos em princípio, está sujeito a mudanças. **Por outro lado, a identidade que se enraíza e se alimenta no Evangelho de Cristo** não esgota o tema e as configurações possíveis da identidade, que merecem atenção e respeito.

Italiano

Neste sentido, é necessário "agir no espírito de Cristo, respeitando a identidade e a particularidade do outro", noutra lugar João Paulo II enfatiza o tema da conversão como tarefa incessante da Igreja e de cada um dos fiéis, e nesta perspectiva ele fala a identidade como algo a ser "continuamente redescoberto".

Às vezes, parece que a identidade cristã aparece como uma herança inalienável, mas subestimada, da qual devemos recuperar a consciência a fim de reatribuir o valor correto.

Após esta parte introdutória geral, irei me concentrar nestes quatro pontos que irei cobrir em diferentes artigos:

- 1. A identidade cristã expressa ser e vocação;*
- 2. Identidade cristã como uma vida conforme a Cristo;*

3. *Identidade cristã como testemunhas de esperança em um mundo pluralista;*

4. *Identidade cristã como acolhimento e serviço;*

A IDENTIDADE CRISTÃ EXPRESSA SER E VOCAÇÃO

Não basta saber teoricamente quem se é, nem basta uma pertença jurídica ao instituto, é preciso senti-lo internamente como uma espinha dorsal que dá sentido à própria existência e história. Se essa identidade vier da imagem social, do índice de apreço e estima, a pessoa será como uma vara ao vento e irá continuamente em busca de algo e de alguém que o defina, mas sem resultados satisfatórios. A vida consagrada, profundamente enraizada nos exemplos e ensinamentos de Cristo Senhor, é um dom de Deus Pai à sua Igreja por meio do Espírito. A vida de Deus também é representada como uma fonte, sempre ativa, sempre aberta com água doce impetuosa e convidativa. Quem vai buscar com um recipiente maior, leva mais, sem o perigo de ficar sem: está à disposição de todos.

É preciso, porém, ir, é preciso incomodar em uma estrada difícil, pedregosa e pedregosa, além de espinhosa. **É preciso ir para lá sem “o mundo” no balde**, senão não haveria espaço para aquela água.

Pode-se dizer que a vida consagrada constitui a radicalização do caráter trinitário da vida cristã, na medida em que a vive com particular intensidade e a aponta como modelo e fonte de toda forma de vida cristã, portanto é claro que a Trindade é proposta como modelo e fonte perene de vida consagrada. Tem as Pessoas divinas como ponto de referência constante; a vocação, o seguimento, a consagração nada mais são do que momentos diversos da contínua iniciativa trinitária; o carisma diz também a relação com as Pessoas divinas individuais, enquanto a vida fraterna tem a Trindade como paradigma, revela o seu projeto e é o espaço da sua presença; enfim, a missão e continuação real daquela de Cristo convidada pelo Pai e consagrada no Espírito.

Nestes pontos, a ação santificadora da Trindade, que leva o homem à unidade com Deus, é muito claramente revelada.

A vida consagrada está ligada ao apelo universal à santidade. A Constituição *Lumen Gentium* e o decreto *Perfectae Caritatis* apresentam Jesus, o Espírito Santo, a Igreja e os Fundadores como fontes de vida consagrada.

Os documentos conciliares demonstram claramente o quanto é errado apresentar a vida consagrada como algo puramente histórico e jurídico: apenas fruto da ação da Igreja. Já nos documentos conciliares podemos constatar que esta forma de vida emana das próprias fontes das quais emana a Igreja e com ela nasce da vida e da obra de Jesus e de toda a Trindade. A vida do crente deve ser moldada por esta relação com Deus e, mais ainda, a nossa vida de consagrados motivada pela livre escolha. O cristão pertence a Cristo e assim como na vida natural cada indivíduo desenvolve e exprime as suas potencialidades e aptidões ao amadurecer gradualmente, também na vida cristã há crescimento e desenvolvimento. O apóstolo Paulo escreve: **“Devemos chegar ao estado de homem perfeito, na medida em que convém à plena maturidade de Cristo.** Vivendo segundo a verdade na caridade, procuramos crescer em tudo para aquele que é a cabeça, Cristo ”(E 4, 13-15).

Maria Emilia Zappalà

<<NÃO TEMAS, PORQUE EU ESTOU COM VOCÊ >>(IS 43,5).

**COMUNICAR ESPERANÇA E CONFIANÇA NO NOSSO
TEMPO** do Papa Francisco

Relatamos neste artigo a mensagem do Santo Padre no 51º dia das comunicações sociais. O Papa Francisco enfatiza a necessidade de comunicar esperança e confiança em nosso tempo, colocando como fundamento "a confiança na semente do Reino de Deus e na lógica da Páscoa". Esta sólida realidade de fé "só pode moldar a nossa forma de comunicar. Essa confiança que nos permite operar - nas múltiplas formas em que hoje se realiza a comunicação - com a convicção de que é possível perceber e iluminar a boa nova presente na realidade de cada história e no rosto de cada pessoa".

O acesso aos meios de comunicação, graças ao desenvolvimento tecnológico, é tal que muitos sujeitos têm a possibilidade de partilhar as notícias instantaneamente e divulgá-las de forma generalizada. Essas notícias podem ser boas ou más, verdadeiras ou falsas. Nossos antigos pais na fé já falavam da mente humana como uma pedra de moinho que, movida pela água, não pode ser parada. Quem está a cargo do moinho, porém, tem a possibilidade de decidir se vai moer o trigo ou o joio. A mente do homem está sempre em ação e não pode deixar de "moer" o que recebe, mas cabe a nós decidir que material fornecer (cf. Cassiano, o Romano, Carta a Leôncio Igumeno).

Desejo que esta mensagem chegue e estimule a todos aqueles que, tanto no âmbito profissional como nas relações pessoais, todos os dias "moem" muita informação para oferecer um pão perfumado e bom a quem se alimenta dos frutos da sua comunicação. Desejo exortar todos a uma comunicação construtiva que, rejeitando os preconceitos em relação ao outro, favoreça uma cultura do

encontro, graças à qual se pode aprender a olhar a realidade com confiança consciente.

Acredito que é preciso quebrar o círculo vicioso da angústia e deter a espiral do medo, fruto do hábito de focar a atenção nas “más notícias” (guerras, terrorismo, escândalos e todo tipo de fracassos na vida humana). Certamente, não se trata de promover a desinformação em que o drama do sofrimento seja ignorado, nem de cair no otimismo ingênuo que não se deixa tocar pelo escândalo do mal. Pelo contrário, gostaria que todos tentassem superar aquele sentimento de mau humor e resignação que muitas vezes nos apanha, lançando-nos na apatia, gerando medos ou a impressão de que o mal não pode ser limitado. Além disso, em um sistema de comunicação onde a lógica sustenta que as boas novas não acontecem e, portanto, não são notícias, e onde o drama da dor e o mistério do mal são facilmente espetacularizados, pode-se ser tentado a anestésiar a própria consciência ou escorregar para dentro desespero.

Gostaria, portanto, de contribuir para a busca de um estilo comunicativo aberto e criativo, que nunca esteja disposto a dar protagonismo ao mal, mas que busque evidenciar possíveis soluções, inspirando uma postura pró-ativa e responsável nas pessoas a quem se comunica. as notícias. Gostaria de convidar a todos a oferecer aos homens e mulheres do nosso tempo narrativas marcadas pela lógica da "boa nova".

A boa notícia

A vida humana não é apenas uma crônica asséptica de acontecimentos, mas é uma história, uma história que espera ser contada por meio da escolha de uma chave interpretativa capaz de selecionar e coletar os dados mais importantes. A realidade, em si mesma, não possui um significado único. Tudo depende do olhar com que é captado, dos “óculos” com que escolhemos olhá-lo: mudando as lentes, até a realidade parece diferente. Então, por onde podemos começar a ler a realidade com os "óculos" certos?

Para nós, cristãos, os óculos adequados para decifrar a realidade só podem ser os da boa nova, começando pela boa nova por excelência: o «Evangelho de Jesus, Cristo, Filho de Deus» (Mc 1,1). Com estas palavras o evangelista Marcos inicia a sua história, com o anúncio da "boa nova" que tem a ver com Jesus, mas mais do que uma informação sobre Jesus, é antes a boa nova que é o próprio Jesus. Lendo as páginas do Evangelho, descobrimos, de facto, que o título da obra corresponde ao seu conteúdo e, sobretudo, que esse conteúdo é a própria pessoa de Jesus.

Esta boa nova que é o próprio Jesus não é boa porque é desprovida de sofrimento, mas porque o sofrimento também se faz sentir num quadro mais amplo, parte integrante do seu amor ao Pai e à humanidade. Em Cristo, Deus se solidarizou com todas as situações humanas, revelando-nos que não estamos sós porque temos um Pai que nunca pode esquecer os seus filhos. «Não tenhas medo, porque estou convosco» (Is 43,5): é a palavra consoladora de um Deus que sempre esteve envolvido na história do seu povo. Em seu Filho amado, esta promessa de Deus - "Estou convosco" - vem a assumir todas as nossas fraquezas a ponto de morrerem até a morte. Nele, até as trevas e a morte tornam-se lugares de comunhão com a Luz e a Vida. Assim nasce uma esperança acessível a todos, precisamente onde a vida conhece a amargura do fracasso. É uma esperança que não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações (cf. Rm 5, 5) e faz brotar uma nova vida à medida que a planta cresce da semente caída. A esta luz, cada novo drama que ocorre na história do mundo torna-se também cenário de uma possível boa nova, pois o amor sempre consegue encontrar o caminho da proximidade e despertar corações capazes de se comover, rostos capazes de não cair, mãos prontas para construir.

Confie na semente do reino

Para iniciar seus discípulos e as multidões a esta mentalidade evangélica e dar-lhes os "óculos" certos para abordar a lógica do

amor que morre e ressurgue, Jesus usou parábolas, nas quais o Reino de Deus é muitas vezes comparado à semente, que libera sua força vital precisamente quando morre na terra (cf. Mc 4,1-34). Usar imagens e metáforas para comunicar o poder humilde do Reino não é uma forma de diminuir sua importância e urgência, mas a forma misericordiosa que deixa ao ouvinte o "espaço" da liberdade para acolhê-lo e também remetê-lo a si mesmo. Além disso, é a forma privilegiada de expressar a imensa dignidade do mistério pascal, deixando as imagens - mais do que os conceitos - comunicarem a beleza paradoxal da nova vida em Cristo, onde as hostilidades e a cruz não anulam, mas realizam a salvação. de Deus, onde a fraqueza é mais forte do que qualquer poder humano, onde o fracasso pode ser o prelúdio para a maior realização de todas as coisas no amor. Precisamente assim, de facto, a esperança do Reino de Deus amadurece e se aprofunda: "Como quem lança a semente na terra; durma ou observe, de noite ou de dia, a semente germinar e crescer"(Mc 4,26-27).

O Reino de Deus já está entre nós, como uma semente escondida do olhar superficial e cujo crescimento ocorre no silêncio. Aqueles que têm olhos clarificados pelo Espírito Santo podem vê-lo germinar e não se permitirem ser roubados da alegria do Reino por causa do joio sempre presente.

Os horizontes do Espírito

A esperança fundada na boa nova que é Jesus nos faz erguer os olhos e nos impele a contemplá-lo no ambiente litúrgico da festa da Ascensão. Embora pareça que o Senhor está se afastando de nós, na realidade os horizontes da esperança estão se alargando. De fato, todo homem e mulher, em Cristo, que eleva nossa humanidade ao céu, pode ter plena liberdade "para entrar no santuário pelo sangue de Jesus, um caminho novo e vivo que ele inaugurou para nós através do véu, ou seja, sua carne"(Hb 10, 19-20). Pela «força do Espírito Santo» podemos ser «testemunhas» e comunicadores de uma humanidade nova e redimida «até aos

confins da terra» (cf. At 1,7-8). A confiança na semente do Reino de Deus e na lógica da Páscoa não pode deixar de moldar a nossa forma de comunicar. Esta confiança que nos permite operar - nas múltiplas formas em que hoje se realiza a comunicação - com a convicção de que é possível discernir e iluminar a boa nova presente na realidade de cada história e no rosto de cada pessoa. Quem, com fé, se deixa guiar pelo Espírito Santo torna-se capaz de discernir em cada acontecimento o que se passa entre Deus e a humanidade, reconhecendo como ele mesmo, no dramático cenário deste mundo, está a compor o enredo de uma história de salvação. . O fio com que se tece esta história sagrada é a esperança e o seu tecelão não é outro senão o Espírito Consolador. A esperança é a mais humilde das virtudes, porque fica escondida nas dobras da vida, mas é semelhante ao fermento que fermenta toda a massa. Alimentamo-lo lendo sempre de novo a Boa Nova, aquele Evangelho que em muitas edições foi «reimpresso» na vida dos santos, homens e mulheres que se tornaram ícones do amor de Deus, ainda hoje é o Espírito que em nós semeia o desejo de Reino, através de tantos “canais” vivos, através de pessoas que se deixam conduzir pela Boa Nova em meio ao drama da história, e são como faróis nas trevas deste mundo, que iluminam o caminho e abrem novos caminhos de confiança e esperança.

Mensagem do Papa de 24.1.2017 para o 51º Dia Mundial das Comunicações, que será celebrado no dia 28 de maio, Solenidade da Ascensão do Senhor.

MENOS PALAVRAS E MAIS FATOS

Comentário pessoal sobre a Encíclica “FRATELLI TUTTI” do Papa Francisco

Neste artigo proveniente das comunidades italianas, Salvatore Indelicato oferece-nos o seu contributo de reflexão sobre a Encíclica "Fratelli tutti" do Papa Francisco à luz da Palavra de Deus, do pensamento do Padre Generoso e da Constituição da IMSP, assinalando como esta palavra no plural "Irmãos" nos leva a incorporar seu significado profundo em nossa vida.

Na edição anterior do *Argentarium* Collegamento I.M.S.P. foram publicados diversos artigos que nos fizeram refletir - de diversos ângulos - sobre a Encíclica do Papa Francisco *Fratelli Tutti*. Antes de falar do «modo como cada um de nós é chamado a ser irmão de todos, parece oportuno fazer uma pequena introdução».

O apóstolo João, na sua primeira carta, nos versículos 7 e 8, faz-nos refletir: "*Queridos amigos, amemo-nos porque o amor é de Deus*" e "*Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é Amor*". Vamos meditar novamente no Evangelho segundo João cap. 15, vv 12, 16 e 17: "*Este é o meu mandamento que vos ameis uns aos outros como eu vos amei e de novo: " Não me escolhestes, mas eu vos escolhi e eu os designei para irem e darem frutos ... Eu lhes ordeno que amem uns aos outros "*

É difícil entender? Você precisa de alguma explicação? Precisa de uma interpretação? Requer apenas - mas é difícil - meditar e viver a Palavra.

Padre Generoso, sublinhando esse art. 8 das nossas Constituições nos compromete a contemplar, viver e anunciar o sentido da Paixão de Cristo como um sinal de Amor para os nossos irmãos, nos convidou a refletir que na base e como condição do nosso comportamento cotidiano devemos fazer a experiência pessoal. “morrer para si mesmo” de São Paulo da Cruz com atos concretos de doação gratuita.

Padre Valter, no artigo apresentado no número anterior, destacou que a fraternidade não é “apenas uma emoção ou um sentimento ou uma ideia, mas um fato que então implica também a saída, a ação”, que é fazer algo concreto para cuidar dos. outro.

Viver a fraternidade significa aceitar o outro como ele é, mesmo que seja diferente de mim; a fraternidade é reconhecer o quanto uma pessoa sempre vale, mesmo que tenha nascido em um país distante e tenha uma pele diferente da nossa.

Não basta dizer que somos irmãos se não cuidarmos realmente do outro, se tivermos medo do outro e se nos afastarmos, se fecharmos a porta ao outro; se você vota em um partido que não aceita emigrantes ou não dá atenção às dificuldades dos pobres e dos frágeis.

É inútil dar uma esmola, muitas vezes supérflua, só para pôr em ordem a consciência. Precisamos encontrar a coragem e a força para nos abirmos, a nossa porta para ajudar os necessitados, sem nos perguntarmos como usar a nossa ajuda, se comprarmos coisas que consideramos supérfluas ou não partilharmos o seu uso.

Para ajudar o outro, devemos ter plena e total disposição de nos colocar de lado e colocar nosso tempo, nossas habilidades e nossas aptidões à disposição do outro; significa empenhar-se no voluntariado pelos pobres, em ajudar as famílias em suas necessidades éticas, morais, religiosas e educativas, para ajudá-las a transmitir aos filhos os valores da fé, da fraternidade e da solidariedade.

Mons. Consoli, no artigo publicado no número anterior de Liaison, sublinha que tudo isto «só é possível se todos forem humildes, dispostos a conviver com os outros ... superar as desigualdades e ver em cada pessoa como um irmão e uma irmã...
..."

Um irmão e uma irmã, de fato, para amar e não contra quem se defender; você pode confiar mesmo correndo o risco de ter algumas dificuldades ou decepções; é preciso não pensar, a priori, o mal do outro, não julgá-lo, aceitá-lo como ele é, só assim poderemos ser testemunhas autênticas, só assim o outro não será visto como pessoa. do qual se defender.

Como afirma Marissa Parades, no número anterior de Link: «a Encíclica Irmãos Todos ... ajuda-nos a compreender a fraternidade como modo de vida. Para nós, leigos (e eu acrescentaria para nós, leigos consagrados), é um texto que devemos ler e aprofundar para aprender a levar a nossa missão ao mundo”. Os artigos 28 a 33 das nossas Constituições devem representar para nós o principal caminho a seguir para sermos "sacramento de salvação e presença consagradora" no mundo em que vivemos, definido como "lugar teológico" onde nos atualizamos. vocação de pessoas consagradas seculares. Mas devemos agir com fatos concretos, indo mesmo contra a maré para nos questionarmos, sair de casa, da nossa segurança, ter um compromisso constante e contínuo.

Sobre este mérito, o artigo 7 das nossas normas de aplicação nos incita o seguinte: “no espírito da vocação secular, o apostolado de presença e animação se realiza com responsabilidade. ele trabalhará no apostolado ... também em colaboração com os irmãos Passionistas”(circunstância, esta última, que poderia ser objeto de um debate atento e aberto).

Concluindo, parece oportuno trazer de volta o pensamento do Pe. Generoso, escrito por ocasião da Quaresma de 1996 e relatado no N. 1/2014 de Linking: "Muitas vezes vos tenho repetido uma verdade" Nada se pode desejar se não se sabe primeiro, mas se

tudo permanece no plano cultural, não pode afetar a vida. Por outro lado, é preciso ter a sabedoria do coração que sabe traduzir o Evangelho e as normas da Constituição que temos jurada na vida cotidiana. E a sabedoria do coração vem de Jesus Crucificado, que é a revelação concreta do Amor de Deus Pai, de Deus Filho, de Deus Espírito Santo. Este amor trinitário leva à humildade, à comunhão, ao discernimento "

Assim ele continuou, citando a primeira carta aos coríntios, cap. 13, vv. 4-7: "A caridade é paciente, a caridade é gentil, a caridade não é invejosa, não se vangloria, não incha, não falta respeito, não busca o seu interesse, não se irrita, não toma por conta do mal recebido, ele não goza da injustiça, mas se agrada da verdade. Ele tudo tolera, tudo acredita, tudo espera, tudo suporta "

Assim comentava o Pe. Generoso: «Mas devo aplicar tudo isto a mim, de que vale a vida consagrada se não conduz à perfeição da caridade, da humildade, da comunhão? E o que Deus nos pede senão que formemos uma comunidade de amor ... Ao Instituto foi confiada uma missão especial ...: levar Cristo Crucificado ao mundo através do nosso ... testemunho de vida nas estruturas seculares. .. É claro que este testemunho parte da nossa santificação quotidiana que se derrama no mundo ... »E concluiu:« Temos consciência disso? A minha vocação é viva ou morna, senão fria ? ».

Palavras e pensamentos que dispensam comentários. Cada um de nós os lê, medita sobre eles e, se possível, torna-os seus.

Salvatore Indelicato

AMIGOS COMO ANTES?

“Mesmo um tema profundo como a amizade, com importantes implicações éticas e filosóficas, parece ter consequências da pandemia em curso”. Este é o ponto de partida da reflexão de Angelo Onger, retirada do Encontro n° 1 de 2021, que relatamos pelo interesse formativo dos temas que aborda.

Em uma nota no ano passado, destaquei alguns efeitos colaterais da pandemia, focando em particular nas mutações que ocorrem no contexto dos relacionamentos.

Após os longos meses em que o vírus se alastrou, e enquanto escrevo (início do novo ano) ainda furioso, parece oportuno retomar a discussão propondo uma reflexão sobre o tema da amizade. Um tema que naturalmente vai além da contingência, mas que sofre visivelmente os processos em curso justamente no contexto das relações cotidianas.

Estamos no centro de um processo que não apenas alterou os padrões usuais, mas é regenerado quase diariamente. Nesse contexto, a amizade sofre por um lado com a inflação da palavra (especialmente em sua versão adjetiva: amiga/o, amigos / nós), por outro lado multiplica o espaço dos não-lugares ao infinito, como Marc Augè os definiu (em oposição aos lugares antropológicos de identidade, não-lugares são os espaços nos quais as pessoas se vêem sem vadear, se puxam sem se encontrar). A rede em geral, as redes sociais em particular, fervilham de “amigos” que vagueiam no vazio reduzindo a vida a um twitter, sem esquecer os apêndices do ódio, do insulto, das provocações gratuitas ou mesmo da vingança transversal. Nas redes sociais e

em muitos não lugares na rede, a amizade é solicitada e oferecida. É um sinal. Ele é um espião revelador. Mas e quanto a isso?

Estamos no reino do virtual que certamente não é demonizado, mas também não pode ser promovido a real, como alguns afirmam. A rede pode muito bem hospedar mensagens instantâneas sem perseguir rotas postais, mas certamente não pode cancelar a reunião, olhando-se nos olhos um do outro ao vivo, não através dos monitores. O Papa Francisco recordou repetidas vezes o dom de “mostrar proximidade e ternura também com certa fisicalidade, de acariciar, abraçar num encontro de grande afeto, de amor generoso e terno”.

Hoje, porém, um presente mortificado pela pandemia: talvez seja uma boa oportunidade para redescobrir sua preciosidade. Embora a amizade atual também sofra com uma interpretação da sexualidade que luta para respeitar limites, caindo facilmente na terra da banalização tanto da amizade quanto do sexo. Neste terreno, os cristãos devem refletir para ir além das concepções angélicas de vida e das propostas quaresmais sobre o amor e a amizade:

“Alguns pensadores cristãos promoveram a teoria de que o amor verdadeiro era de alguma forma separado do corpo humano, ou seja, era puramente espiritual. Contra tais rumores, parece importante enfatizar que todo amor humano pertence à esfera do reino de Deus que há de vir, mas não em vida personificado e contextualizado antes da morte”. (W. Jeanrond, Teologia do amor, Brescia 2012, p. 16 e p. 190).

Portanto, é importante ir às raízes da amizade. Já tive ocasião de citar, nestas páginas, um sacerdote de Brescia, padre Piero Ferrari (1929-2011) que falou do "sacramento da amizade":

«Enquanto vivemos este sacramento com intensidade e constância, usaremos o termo «sacramento da amizade» com grande prudência, porque nem todos os teólogos amadurecem para considerar a amizade um grande dom de Jesus».

Nas Escrituras, não faltam referências explícitas ao valor da amizade. Como nesta passagem fundamental de Sirach:

Um amigo fiel é uma proteção poderosa, quem o encontra, encontra um tesouro. Para um amigo fiel, não há preço, não há peso pelo seu valor. O amigo fiel é um bálsamo de vida, quem teme ao Senhor o encontrará”(6,14-16).

Para cantar a beleza do amor fraterno, o salmista usa imagens poéticas:

«Eis como é bom e doce vivermos juntos entre irmãos! É como óleo perfumado na cabeça, que cai na barba, na barba de Arão, que cai na bainha de sua vestimenta. E como o orvalho de Hermon, que desce sobre as montanhas de Sião. Ali o Senhor dá sua bênção e sua vida para sempre”(Sl 133). A amizade entre Davi e Jônatas é uma das mais belas páginas da história sagrada (como a Bíblia uma vez se autodenominava):

"Quando Davi acabou de falar com Saul, a alma de Jônatas já estava tão ligada à alma de Davi que Jônatas o amou como a si mesmo. Saul o levou consigo naquele dia e não o deixou voltar para a casa de seu pai. Jônatas fez uma aliança com Davi, porque o amava como a si mesmo. Jônatas tirou a capa que estava usando e deu a Davi e acrescentou suas roupas, sua espada, seu arco e seu cinto"(1 Sam, 18).

E David lamenta a morte de seu amigo como uma perda irreparável:

"Jonathan, eu sinto dor por sua morte, a angústia me aperta por você, meu irmão Jonathan! Você era muito querido para mim; a tua amizade foi para mim mais preciosa do que o amor de uma mulher »(2Sm, 1,26). Mas é o Evangelho de João que nos oferece o espelho da verdadeira amizade, que se reflete no amor trinitário, através das palavras de Jesus:

«Vós sois meus amigos, se fizerdes o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos de amigos, porque vos fiz saber tudo o que tenho ouvido do Pai. Não me escolheste, mas eu te escolhi e te constituí para ir e dar fruto e o teu fruto permanece; para que tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele pode conceder-lhe. Isto vos ordeno: amem-se uns aos outros » (Jo 15,14-17).

Há uma longa lista de filósofos, de Platão a Aristóteles, de Cícero a Derrida, a Simone Weil, que escreveram sobre a amizade, sua verdadeira natureza, seu valor para o tecido moral da sociedade, sua importância para o crescimento. Da pessoa e seu lugar entre a vida pública e a privada. Muitos teólogos têm considerado a importância espiritual e teológica da amizade e debatido sobre a diferença no que diz respeito ao amor íntimo, sobre a identidade ou sobreposição com ele. Sobre o assunto, há declarações interessantes de São Tomás de Aquino:

“O fim do preceito é a caridade: de fato, toda a lei tem por objetivo promover a amizade dos homens entre si e do homem com Deus. É por isso que toda a lei se resume neste único mandamento - Você amará o seu próximo como você mesmo - sendo o fim de todos os mandamentos ».

A teóloga Liz Carmichael discutiu sobre o modelo de amizade e amor cristão:

“O amor revelado em Jesus Cristo é o amor de Deus, que nos foi dado para colocar em prática a força do Espírito Santo. O amor de Cristo na cruz é o de um amigo que decide trazer tudo de volta à amizade por meio do perdão e da reconciliação. Portanto, o amor divino pode ser descrito em termos de amor de amizade e é o criador da amizade ”(Cf. Friendship: Interpreting Christian Love [Amizade: interpretando o amor cristão], 2004).

Simone Weil escreveu que a amizade é "uma das formas do amor implícito de Deus" e muitas vezes expressou seus pensamentos sobre o assunto em seus escritos, como nesta passagem:

“A amizade vale uma alegria gratuita como a que a arte dá ... e entre as coisas dadas em excesso ... pertence à ordem da graça” (Quaderni 1, p. 156).

Volto para Don Piero porque ele sempre falava e escrevia sobre amizade:

“A amizade não é uma virtude especial, distinta das outras virtudes, mas o efeito produzido por todas as virtudes. O verdadeiro amigo, portanto, é aquele que se compromete a praticar todas as virtudes. [...] Em todo caso, são as virtudes,

exercidas concretamente, que preservam e aumentam a amizade”.

Um confronto crítico com o pensamento filosófico leva Don Piero a descobrir a amizade como uma dialética inversa em relação à hegeliana da tese, antítese, síntese: o amistoso é antes uma dialética "feita de proposta, resposta, compreensão. Cada entendimento pode se tornar uma proposta nova, aliás, deve se tornar uma proposta para "o outro entendimento" e, ao mesmo tempo, estará disponível para responder à proposta que encontrará no seu caminho para o verdadeiro, o bom. , o belo ». A amizade então se torna uma comunicação onde não há mais uma pergunta; não há mais resposta: há atenção amorosa, isto é, um olhar para compreender; uma compreensão para ajudá-lo a crescer. Também ele, como o amor, "quando atinge seu cume supremo, torna-se silêncio". Neste conhecer e se dar a conhecer, torna-se imprescindível dar os olhos ao amigo, para que nele penetrem a nossa alma, para que esteja na sua.

A indicação de Jesus para amar «como eu vos amei» abre um abismo «sobre o qual lançar o nosso olhar atento e empenhado». Significa amar:

«Sem limites de tempo e energia; sem exclusão de pessoas; sem impaciência; sem condições; como Jesus fez com a mulher samaritana; como ele amava Madalena; como ele se esbanjou com os pobres, os coxos, os cegos, os coxos; como o cananeu ouviu; como o jovem rico favoreceu; como foi aniquilado na cruz ».

A amizade está legitimamente incluída na categoria das artes, como disse Simone Weil:

“Na amizade, dar e receber são como as duas mãos do violinista, ambos dão, ambos recebem os impulsos da artista, que transformam em melodia”. “A amizade resume tudo ... viver e amar e se sentir amado. Uma coisa que não devemos esquecer: as quebras. A pausa também é música; e como! Não se pode suportar música sem pausas. Mesmo na amizade, a mesma lei se aplica. Qualquer suspensão da oferta ou recepção é necessária para a próxima atividade. Aqui na terra não existe movimento

perpétuo, nem mesmo na amizade, na medida em que estamos condenados. Depois sim, quando os limites de velocidade no amor deixarem de ser lei, até as pausas terão outro significado ».

Também existem armadilhas na amizade:

“No caminho da amizade, deve-se ter em mente o perigo de se procurar, disfarçando-o com o desejo de cuidar do amigo. A amizade é um dom de si mesmo; é o esquecimento de si, pois faz desaparecer as nossas necessidades, os nossos programas, para dar lugar às do nosso amigo. O dom deve vir à luz; os meios pelos quais ela chega devem permanecer nas sombras ”(para citações dos textos de Don Piero ver C. Gasparotti e A. Onger, Don Piero Ferrari. A civilização do amor, ed. Instituto de cultura" G. De Luca " Para a história do clero, Brescia 2015).

A soma dos (mínimos) conteúdos aqui relatados sobre o tema amizade refere-se à dificuldade de fixar no tempo e no espaço ideias, palavras, reflexões sobre problemas existenciais. No máximo, pode-se evocar alguns pontos de referência dentro da cultura e dos costumes contemporâneos. Como indiquei no início, na sociedade contemporânea não faltam referências à beleza e preciosidade da amizade, mas pode-se dizer que no final a designação de caminhos (sejam reais ou virtuais) luta para penetrar no quotidiano.

A amizade, como todos os outros aspectos da vida, não escapa da natureza líquida desta sociedade, mas talvez, como o "pai" da liquidez, Zygmunt Bauman, assinalou, *"o amor é um empréstimo hipotecário feito em um futuro incerto e inescrutável"* (cf. Z. Bauman, Liquid Love, Bari 2006).

Independentemente (ou entendido) é claro do Espírito Santo, que é como o vento e "sopra onde quer e você ouve a sua voz, mas você não sabe de onde vem e para onde vai: assim é com todos os que estão nascido do Espírito ”(Jo 3, 8). Porque no final só o Espírito pode vencer as resistências do eu hipertrófico que nos encontramos, verdadeiro inimigo de todas as formas de amor e amizade.

O que restará da tempestade que nos envolveu? Quando tudo realmente acabar, seremos melhores ou piores? Vamos descobrir vivendo. Uma coisa é certa: entre os choques da pandemia e os processos tecnológicos em constante mutação, não será suficiente (e não será possível) ser amigos como antes (se é que alguma vez o fomos). Teremos que inventar algo melhor e diferente.

Angelo Onger

Adaptado de "INCONTRO" n 1/2021

SOCIAL HOJE

Da Itália, Franco Zingale reflete sobre os meios de comunicação e sua utilização como martelo demolidor de coisas e pessoas. Na TV, cada vez mais vemos programas de entrevistas onde todos os cientistas ou especialistas dizem tudo e seu oposto, atacando tudo e todos. Nas redes sociais, as discussões são ainda mais ampliadas e exacerbadas. Verdadeiras guilhotinas de mídia que são operadas, por pessoas inescrupulosas ou melhor, sem consciência formada, sobre objetivos a serem decapitados, sem muitas vezes apurar a verdade dos fatos. Depois desta análise real e “irada”, Franco nos convida a dar o nosso contributo como gente livre para que esta espiral se interrompa, através do compromisso de conhecer os factos e utilizar os meios de comunicação tendo a pessoa e a sua dignidade no centro.

A linguagem dos portadores de ódio se espalha como um incêndio nas redes sociais; o individualismo e o protagonismo enfatizam cada vez mais as intolerâncias raciais e além; ondas de egoísmo gratuito e verdadeiro subjagam inevitavelmente os ideais e a liberdade de quem não pode acotovelar-se e atropelar. Nesse ínterim, as muitas e feias competições de bullying doentio sem a exclusão de golpes baixos estão abrindo caminho, onde as exaltações e arrogância de líderes de opinião improvisados em 360 ° sobre argumentos de qualquer tipo com autoridade tomam os palcos nos cada vez mais numerosos pátios de mil televisores de preço, onde em vergonhosas salas de estar, por sua vez, "experts em política, virologistas, cientistas, polivalentes", cospem frases venenosas, fruto de superlativa ignorância,

vergonhosamente disfarçadas de falsos saberes e ainda mais destacadas por outros sérios ignorâncias, pelos muitos rudes sem limites ao respeito humano, que em cadenciamento vira ataque com frases vulgares sem, infelizmente, ter a sensação da vermelhidão do pudor ...

Por tudo isso e outras coisas ainda mais sérias, a quem devemos agradecer?

Infelizmente, é assim que as coisas são! E as redes sociais? Qual andar eles ocupam nessas situações? Por que eles permitem (é uma pergunta que eu me faço) fazer pessoas que literalmente perderam a luz da razão dizerem coisas absurdas e irrestritas? Por que muitas vezes eles fecham os olhos ou mesmo os dois em postagens que elogiam a violência e o ódio, dando cada vez mais espaço aos partidários do fascismo e da propaganda ao racismo em massa ... pondo em risco a liberdade?

Por que eles permitem tudo isso? Por tudo o que passam negativamente, pergunto-me, perguntando-me pessoalmente: “O que se passa neste período histórico em que a tecnologia é muitas vezes utilizada de forma errada”?

Seria culpa daquela pobreza de princípios que chuta a moral sã? Será a falta de cultura para o compartilhamento social; será por causa da surdez para a linguagem do amor, ou é uma corrida desenfreada para a realização, onde ganhos fáceis, atrações perversas são objetivos primordiais para um homem que se afasta cada vez mais de Deus, mesmo tentando ocupar o seu lugar?

Sim, acho que são muitos os fatores que em certas páginas refletem as ações de muitos homens e mulheres que agem assim, talvez, por medo de um futuro que não oferece alternativas e esperanças? Ainda me pergunto: "São pontos de referência para um homem sem mais consciência?" Quantas perguntas!

Eis a minha resposta presunçosa de incompetente, mas felizmente ainda livre de ser um pequenino pensador: “A culpa é minha, é tua, é dele, pertence a uma sociedade que se fecha aos poucos no mais isolado egoísmo da a indiferença de uma indiferença sem limites, que levanta dramaticamente uma barreira intransponível

à partilha humanitária, onde a política sem dúvida tem o principal defeito, porque nada faz para bloquear com leis (que aliás estão contempladas nos artigos fundamentais de nossa moribunda constituição) adequadas e capaz de coibir um fenômeno perigoso que tende a fomentar o ódio e as limitações às liberdades”.

Nesse ínterim, estou pensando naquela casta política que te usa para criar discórdia, para alimentar o ódio social, para fazer do racismo uma guilhotina social, para espalhar uma violência verbal absurda. São eles que jogam gasolina no fogo tentando desenvolver incêndios e destruição. São aqueles que com mentiras e falsas promessas eleitorais obtêm o consenso de pessoas que, em sua posição cultural e social, não entendem a feiura nas falsidades de promessas sem sentido.

Talvez eu esteja errado em pensar em certas coisas, talvez eu seja pessimista, mas estou com muita raiva! E dessa cólera vem continuar a pensar que a culpa do que acontece também depende daquela parte da má justiça italiana que emaranhada na rede imaculada da jaula burocrática, muitas vezes recompensa a maldade e enterra a beleza da verdade. E atrevo-me a acrescentar à lista dos “culpados” aquele partido político que no passado, por motivos pessoais, egoísmo e divisões sem sentido, disparou o estopim para esta bomba social que espero seja em breve desarmada.

E continuo no meu monólogo ... A culpa é dos meios de comunicação que falam pouco do bem e muito do mal, ainda que, e felizmente, ainda existam muitas pessoas que não deixaram de usar o coração, a coragem, a beleza do saber dar e não apenas dar, na reserva de seu grande altruísmo e amor pelos mais fracos. E desse ponto de vista, e digo com muita franqueza, devo reconhecer que as redes sociais dão muito espaço para fatos e pessoas que falam do bem, promovem o bem, mesmo que a maioria das pessoas não siga com tanto interesse. Por quê? Outra pergunta ...

E eu não terminaria de escrever, mas faço-o com um sentimento de pesar e para comigo, pelo que escrevi e pela forma como

escrevi! Muitas vezes aponte o dedo para julgamentos não-cristãos! Escrevi como não crente (embora presuma ser crente). Escrevi como desanimado, como pessimista, como cristão sem sorriso ... Mas quem tem fé em Deus deve sorrir! o cristão, quem acredita em Deus deve estar desanimado?

NÃO! DEUS pode abandonar seus filhos? O Evangelho diz não! Em seguida, faço uma promessa a mim mesmo, entregando-me ao Senhor: “Não devo desanimar por este momento histórico, onde certa ralé cresce como joio. Vou tentar colocar meu rosto na frente, lutando com minhas forças restantes; Tentarei me abrir ao pedido de amor e justiça. Eu sozinho? Não sou presunçoso? A este respeito, vem à mente uma frase de Santa Teresa de Calcutá: “O que fazemos é apenas uma gota no oceano, mas se não o fizéssemos, o oceano teria uma gota a menos”.

O que vocês acham, meus amigos! Por que não nos tornamos todos "uma pequena gota"? Olá a todos e obrigado a todos aqueles que tiveram a paciência de ler ...

Franco Zingale

A PANDEMIA É APENAS UM FECHAMENTO

Da Colômbia vem esta reflexão intensa de Catherine Jaillier. A Pandemia nos confrontou com a triste realidade do "fechamento" de muitas realidades existenciais. Catherine nos convida a olhar em profundidade: “Atenção! A pandemia não é um fechamento para a compreensão que vem da fé pessoal e comunitária e do poder do Espírito Santo”.

Parece que a pandemia condenou a humanidade a ficar em casa o tempo todo para trabalhar, estudar, fazer compras online, pagar por serviços públicos e cultivar relacionamentos emocionais. Um confinamento que levou ao aumento dos problemas de saúde física e mental, além dos índices de pobreza, desemprego e violência.

Os países enfrentam tensões nas áreas da saúde, economia e ordem pública.

No início, apenas a escuridão é vista: doença e morte, fome e pobreza, motins e violência. Esses cavaleiros do Apocalipse chegam fazendo escândalo e arrasando com tudo que encontram pelo caminho. Eles fazem barulho. No entanto, não são as trevas que vencem, embora o mal tente esconder a luz e abolir a paz. Os cristãos são chamados a enfrentar o medo e a incerteza, a sair de nós mesmos confiando naquele que é “A Luz do Mundo”, “o Caminho, a Verdade e a Vida”. Atenção! A Pandemia não é um fechamento do entendimento que vem da fé pessoal e comunitária e do poder do Espírito Santo.

A pandemia é uma oportunidade de crescimento, de renovação e de criatividade. É hora de ser apóstolos comprometidos com o anúncio do Evangelho. Assim, enquanto a mídia se dedica a dar números, mostrando imagens de distúrbios da ordem pública nos países; o cristão deve marcar presença, com a sua própria vida, nas virtudes teológicas: fé, esperança e caridade. Repetidamente, ele é chamado a ser uma testemunha do Cordeiro em pé, aquele que venceu a morte, aquele que reina nesta história da humanidade.

O confinamento é uma questão de atitude. A fé no mistério pascal é clara porque a cruz é o caminho da glória e da salvação, é uma presença viva e ativa do Amor ilimitado de Deus pela humanidade. O Ressuscitado está conosco, ele percorre o caminho ao nosso lado, e ficou no Pão para ser partido e distribuído. Cada vez que participamos do Pão Eucarístico, somos trigo e pão para os outros; mesmo que o pão e a comunhão sejam espirituais ... ainda são reais e presentes.

A Pandemia nos fez perder o medo da tecnologia para viver esta experiência mundial em comunidade: Colômbia, Peru, Brasil, México, Chile, Itália ... todos estivemos mais próximos; até com o aparente obstáculo da linguagem, porque o fato de ver os rostos e nos reconhecermos unidos no mesmo projeto que inspirou o Espírito no coração de Padre Generoso, nos fez irmãos e foi regado como uma semente que voa e alcança. terras distantes.

Com a Pandemia, descobrimos capacidades criativas para cozinhar saudavelmente, costurar, fazer artesanato, cerâmica ... enfim, voltar a dimensões que talvez a humanidade estivesse perdendo. Para voltar a curtir um bom livro, jogos de tabuleiro em família, uma longa conversa entre vizinhos, tudo isso é VIDA ABUNDANTE.

Os vendedores de lojas de bairro ou celeiros, o taxista, o porteiro do prédio, os recicladores, os médicos, os camponeses, os educadores, o farmacêutico ... todos ganham importância no exercício relacional da humanidade. Somos uma cadeia relacional entre todos e o planeta. Não é isso, abrindo o entendimento?

A pandemia não é só confinamento, é abertura ao Projeto de Deus hoje, é abertura à mudança e à adaptação, é unidade fraterna em um mundo que tem dor humana. Digamos então como no Apocalipse: Vem Senhor Jesus!

Venha Senhor Jesus! Para que nossas vidas sejam instrumentos de paz, de consolo, de companhia para quem precisa.

Venha Senhor Jesus! Para que possamos apoiar e ser generosos com aqueles que foram mais afetados por este confinamento.

Venha Senhor Jesus! Para que as nossas palavras edifiquem e ajudem a ver o mundo com esperança de salvação e de amor trinitário por cada uma das criaturas.

Venha Senhor Jesus! Conte comigo, conte conosco para ajudá-lo a continuar a engendrar vida.

Catherine Jaillier Missionaria
Medellin, Colombia

COLUNA DOS COLABORADORES

A seção contém dois artigos. No primeiro, Claudio e Cetti nos convidam a descobrir Maria como esposa de José, porque ela pode dar uma contribuição fundamental para a vida de um casal cristão, permitindo que os cônjuges vivam a essência do seu casamento. O segundo artigo vem do Brasil. Os cônjuges Marina Nunes Ramos Carvalho / Ari Carvalho fazem-nos refletir sobre o amor esponsal de Cristo. "O casal participa da unidade e do amor que existe entre Cristo e a Igreja, portanto, vemos quão importante é o amor na relação matrimonial, e ainda mais, comparando-o ao amor de Jesus Cristo, que se apresentou como noivo de a Igreja ".

DOS RESPONSÁVEIS GERAIS DOS CASAIS COLABORADORES

MARIA, O CAMINHO DE SANTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Devemos redescobrir que o casamento é nosso meio comum de santificação. Isso poderia nos fazer pensar que só pedindo a ajuda de Deus podemos, como cônjuges, seguir em frente, mas não é assim. O que precisamos redescobrir é a graça que nos é concedida no sacramento do matrimônio, que nos dá força para a ajuda mútua. Os cônjuges se oferecem e se dão um ao outro para apoio, para compreensão, para compartilhar, com uma força que vem do carinho dado e recebido.

Muitas vezes ouvimos e dizemos que a Sagrada Família é um modelo para as famílias, mas devemos também saber dizer que José e Maria, como esposos, são um modelo para o amor mútuo entre os esposos. Os cônjuges devem ser encorajados a entrar nas casas de Nazaré, de Belém e do Egito, e a entrar no coração de Maria e de José para perguntar como viveram como esposos, como se ajudaram mutuamente, como resolveram os problemas, como conversado.

Descobrir que Maria é a esposa de José também pode ajudar as noivas a cumprir a tarefa, às vezes difícil, de ser uma ajuda para o marido e se permitirem ser ajudadas por ele.

Maria é essencialmente, existencialmente uma noiva!

Maria é noiva antes mesmo de receber a visita do Arcanjo Gabriel e como noiva é Virgem e quer sê-lo para toda a vida. A virgindade, para ela, significava querer ser inteiramente de Deus, pois compreendia o apelo radical a amar só a Deus, permanecendo aberta a este "dom do alto" (João Paulo II, Redemptoris Mater, 8). Ela queria a união plena com Deus e Ele mostrou a ela que ela não a obteria mais sozinha, mas por meio de uma família.

É por isso que Maria, a Noiva, é modelo tanto para os casados como para os consagrados, porque o seu ser Noiva está ligado ao seu ser Virgem e as duas condições são as faces da mesma moeda: ser casado, chamado a receber e a dar amor.

Nós, esposos, portanto, devemos aprender de Maria a ter sempre o coração aberto ao Senhor, a estar dispostos a acolher o Seu amor por nós, suas criaturas.

Esta é a nossa força de esposos e é indispensável se queremos doar-nos àqueles que o Senhor nos colocou no caminho para sermos meio de santificação.

Claudio e Cetty Grasso
Resp. Gerais dos Casais Colaboradores

O MATRIMÔNIO COMO SÍMBOLO DA UNIÃO ENTRE CRISTO E A IGREJA

No Antigo Testamento vemos que Deus escolheu o seu povo, ao qual sempre foi fiel a ele, tanto que fez várias alianças, mesmo não tendo como retorno esperado. Para mostrar ainda mais o seu amor pela humanidade, enviou seu filho unigênito, o Verbo encarnado, para que, numa doação total, se sacrificasse, morrendo em morte de cruz.

Idêntico deve ser o amor do casal no sacramento do matrimônio, pois Jesus amou a sua Igreja, tendo se entregado por ela. Os cônjuges, com igual integridade, devem se doar e se amar, a fim de conservarem a sua vida conjugal, partilhando conjuntamente a graça divina e afastando-se dos pecados. Como Deus manteve e mantém relação de amor com a sua Igreja, assim também o casal deve manter um amor de total doação, um pelo outro.

Em algumas citações no Novo Testamento, vemos a comparação do matrimônio com a Igreja, como por exemplo, em Éfeso, capítulo 5: “Submetei-vos uns aos outros, no temor de Cristo.”, “o marido é a cabeça da mulher, como Cristo também é a cabeça da Igreja, seu Corpo, do qual ele é o Salvador”; “maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo também amou a Igreja e se entregou por ela”, ou como diz Gênesis 2, 24: “o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e os dois serão uma só carne”. A responsabilidade do casal, na relação matrimonial, é grande, algumas vezes com altos e baixos, mas ninguém pode separar o de Deus uniu, devendo permanecer juntos “até que a morte os separe”, pois assim como a união entre Cristo e a Igreja é indissolubilidade e há fidelidade, no matrimônio deve haver unidade, indissolubilidade e fidelidade.

Pelo matrimônio o casal tem a graça de ter Cristo vindo ao seu encontro, pois, como explica o Papa Paulo VI, na Constituição *Gaudium Et Spes*, “como outrora Deus tomou a iniciativa do pacto de amor e fidelidade com seu povo, assim agora, o Salvador e o Esposo da Igreja, vem ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do matrimônio”.

O Casal participa da unidade e do amor que há entre Cristo e a Igreja, logo, quão é importante o amor na relação matrimonial, e mais ainda, comparando ao amor de Jesus Cristo, que se apresentou como esposo da Igreja. Não esqueçamos que o casal são dois que, conforme Gn 2, 23-24, formam um só corpo que não deve ser dividido. Assim como o amor de Deus para com o homem, assim também deve ser o amor do casal, uma união única e indissolúvel, em que o verdadeiro amor conjugal deve levar o casal a colaborar com o amor de Deus, cultivando o espírito de sacrifício e caminhando com os seus passos, os passos de Cristo.

Marina Nunes Ramos Carvalhal

CRÔNICA FLASH

🕒 EVENTOS

- 30 Março: Encontro internacional online para os cumprimentos da Páscoa.

Depois do encontro de dezembro, quisemos repetir a experiência de abril para uma troca de saudações antes da Páscoa. Graças à tecnologia tivemos a alegria de superar as barreiras da distância

🕒 MORTES

- 20 Abril: Morre a Sra. Maria DosReis Oliveira, mãe de P. Vanildo c.p. assistente espiritual da 1ª Região do Brasil

- O instituto está perto em um momento tão difícil, sinceras condolências.

- 30 Abril morre o Arcebispo – Bispo emérito de Acireale mons. Pio Vittorio Vigo.

- O Instituto sempre se lembra dele perto de Pe. Generoso e pela profundidade de vida espiritual, bondade, mansidão e simplicidade que eram os traços característicos de sua personalidade. Belo poeta, várias vezes premiado em concursos nacionais, dispensou também nos versos a beleza do Evangelho e da vida cristã. Ele esteve presente na XXXVI conferência nacional do IMSP intitulada "Pe. Generoso e o Concílio Vaticano II", no qual soube apreender a grandeza do nosso Pai Fundador na promoção da santidade dos fiéis muitas vezes considerada impossível ou reservada aos religiosos.

- 10 Maio morre a mãe de Ronilda Mendes de Oliveira da

comunidade de Santa Gemma Galgani, Salvador. Neste momento de grande dor, estamos sinceramente próximos e apresentamos nossas condolências

- 10 Maio retorna à casa do Pai a nossa irmã Pelleriti Vita, viúva Salanitro, da comunidade de Milão. Aos familiares expressamos a nossa mais sentida condolência



🕒 **NOMEAÇÃO**

- 27 Abril: Pe. Victor Hugo Alvarez H. CP provincial do México, nomeia Pe. Francisco Valadez assistente espiritual da comunidade P.Pio Castagnoli do México. A Padre F. Valadez, sempre perto do Instituto, desejamos um bom trabalho em solo mexicano.



O CANTO DOS LIVROS

curadoria de Mariella e Salvatore Borzi

Recomendamos alguns textos que podem oferecer uma visão geral da realidade social e eclesial atual. Mesmo o texto narrativo que propomos pode nos ajudar a fazer uma reflexão útil.

LA CHIESA BRUCIA.

CRISI E FUTURO DEL CRISTIANESIMO

Andrea Riccardi - **Editor:** Laterza

Na Europa e em outras partes do mundo, tem havido uma redução contínua da prática religiosa, um declínio das vocações, uma menor incidência da presença católica na vida pública. Uma situação de vazio que - como argumenta Riccardi - diz respeito a todos nós e que este livro documenta através dos números e dos acontecimentos, mas também das posições assumidas pelos protagonistas do debate dentro da Igreja, dos papas aos bispos, dos teólogos aos dirigentes da os movimentos religiosos. De um grande historiador da Igreja e do mundo religioso, protagonista da vida pública italiana, a impressionante radiografia da crise no mundo cristão e a análise do debate e das diferentes ideias de como sair dele.



CIVCSVA - IL DONO DELLA FEDELTA' LA GIOIA DELLA PERSEVERANZA

LIVRARIA EDITORA VATICANA

O nosso é um tempo de prova: **“é mais difícil viver como consagrado no mundo de hoje”**. O cansaço da fidelidade e a perda das forças da perseverança são experiências que pertencem à história da vida consagrada, desde os seus primórdios.

A fidelidade, apesar do eclipse desta virtude em nosso tempo, está inscrita na identidade profunda da vocação dos consagrados: está em jogo o sentido da nossa vida diante de Deus e da Igreja. A consistência da fidelidade permite apropriar-se e reapropriar-se da Verdade do próprio ser, isto é, permanecer no amor de Deus.





**VULNERABILI:
COME LA PANDEMIA STA CAMBIANDO
LA POLITICA E IL MONDO.**

LA SPERANZA OLTRE IL RANCORE

de Vittorio Emanuele Parsi - Editor: Piemme

Vittorio Emanuele Parsi guia-nos para o futuro, acompanhando-nos com um estilo cristalino e apaixonado entre os cenários possíveis da política mundial.

A pós-pandemia pode alimentar rancor generalizada ou reacender uma nova esperança. Podemos nos encontrar em um clima de Restauração ou em um novo

Renascimento. Por isso temos o dever de nos empenhar para que a reconstrução que nos espera seja comparável à do pós-guerra, não só na sua dimensão material e económica, mas também na sua política e espiritual.

FIORE DI NEVE E IL VENTAGLIO SEGRETO de Lisa See

Estamos no início de 1800, Giglio Bianco, um octogenário da velha China, relembra sua vida reclusa primeiro em sua casa paterna e depois sob o teto conjugal e sua amizade com Fiore di Neve, que teve um papel importante e às vezes difícil em seu existência.

Naquela época, as mulheres de um condado remoto de Hunan usavam um código secreto para se comunicarem. Trocavam cartas desenhadas com pincéis em leques ou mensagens bordadas em lenços e inventavam histórias, escapando do confinamento para compartilhar esperanças, sonhos e conquistas. É uma viagem de volta a um período da história chinesa ao mesmo tempo comovente e doloroso, que combina uma extraordinária capacidade evocativa com atenção aos detalhes históricos e costumes.

É um romance que oferece muitos temas para reflexão e merece ser lido.

